



## SOCIEDADE ABERTA

## Mercado de capitais como um dos desígnios nacionais



**Abel Ferreira**  
Presidente executivo da AEM - Associação de Emitentes de Mercado

Portugal precisa de crescimento económico.

É nova verdade absoluta, e inquietação profunda face à dificuldade em encontrar soluções.

Infelizmente, o crescimento económico não se decreta.

Reformas estruturais, libertadoras do potencial de produtividade do país, ajudarão, mas o crescimento e a geração de emprego são o resultado do trabalho das empresas, produzindo, competindo e crescendo.

A dificuldade de acesso ao financiamento, o seu crescente agravamento, demonstram, por isso, que sem financiamento não haverá crescimento.

Os problemas da estrutura de financiamento das empresas portuguesas não são de hoje: desde 2004, a emissão de acções e obrigações nunca representou mais de 1% do total de financiamento das empresas; em 2010, num movimento de regressão sem paralelo noutros países, este modo de financiamento representou apenas 0,3% do financiamento total das empresas portuguesas; sem surpresa, a capitalização bolsista em percentagem do PIB, em Portugal, é uma das mais baixas da zona euro em coerência com o número muito baixo de empresas cotadas.

E há anos que não temos uma nova empresa cotada em bolsa.

Deficiências estruturais várias, ausência de instrumentos de poupança estáveis e atractivos para o retalho, a demora das estruturas de mercado em adaptar-se às necessidades das empresas e da economia, fazem com que a bolsa portuguesa não consiga afirmar-se no seu papel de captação de recursos, ocupando um lugar secundaríssimo enquanto fonte de financiamento da economia.

É neste contexto, e na sequência da terceira avaliação realizada no âmbito do Programa da Troika, que as nossas autoridades terão de apresentar, até final de Julho, medidas concretas que encorajem a diversificação das formas de financiamento das empresas.

As empresas emitentes, representadas pela sua associação, a AEM, podem e devem ter um papel decisivo a desempenhar nesta reflexão.

Está em causa uma meta estrutural que, apesar dos alertas da AEM ao longo do último ano e meio, o país e as estruturas de mercado parecem ainda não ter compreendido.

Um mercado de capitais eficiente, verdadeiramente dedicado ao financiamento das empresas, que dê resposta às necessidades de liquidez, visibilidade e credibilidade das empresas, é condição necessária para a retoma do nosso crescimento.

O tempo urge.

Só a união de todas as instituições relevantes, sustentada na experiência e conhecimento das empresas, que conhecem as necessidades e dificuldades, permitirá alcançar o objectivo pretendido de desenvolvimento de um mercado de capitais útil.

Esta é a proposta da AEM: trabalho conjunto à volta de um novo desígnio nacional que deve ser posto em prática com o apoio consensual de todos os operadores, independentemente de interesses comerciais com os quais a situação do país não se compadece, objectivo realizável no contexto do Programa de Assistência Económica e Financeira, desde que acautelando os interesses das empresas e dos seus investidores. ■